

Tudo tem piada. Estou a ficar sem tempo. Vou ter de publicar o que já tenho. Depois mudo. Depois edito. Depois organizo. Olho para as horas. São 22h27. Estou a esquecer-me de pôr as horas em algumas partes. Tive o melhor jantar de todos. O D.K. Chamou-me para irmos jantar, estava a pedir-lhe só mais uns minutos... Dançámos na mesa de jantar. Dançamos pela sala toda. À rodinha. Fizemos corridas a dançar... Brincámos a apanhada... Foi lindo. Fizemos uma dança de amor. Não a gravámos. Não a filmámos senão com os nossos olhos. Sei que vou guardá-la para sempre. O D.K. sabe que estou a construir o documentário... Mas ele não está a acompanhar... Pelo menos, não parece... Fico triste... Ele acompanha as minhas coisas sempre caladinho... Nunca me diz nada... Parece o meu pai... Eu não sei se estou a fazer bem, se estou a fazer mal... Eu não quero fazer as coisas sozinho... Preciso de ajuda... Preciso de opiniões... Tipo que me dissessem alguma coisa... Mas não me dizem. Parece que estou mesmo sozinho. Parece que me puseram sozinho num filme e estão todos caladinhos a verem-me... Parece que só alguns é que me podem enviar mensagens... Parece que só alguns é que foram “desbloqueados” e “permitidos” para entrar no filme... Consigo fazer disto um filme, é claro... Claro que consigo... Mas eu não consigo fazer tudo sozinho... Não sou um polvo... Dou erros. Cometo erros. Hoje peguei numa página d’O Algoritmo do Amor e o D.K. disse que a minha frase muito grande, que não era uma frase normal... Eu escrevo frases grandes, às vezes... Fiquei um pouco triste... Tipo ninguém me dá opiniões sobre O Algoritmo do Amor e a que eu recebo é do próprio D.K. a dizer que a minha frase estava mal construída porque era muito grande. Tive de chamar a minha professora de português. Menti ao D.K. Disse que tinha lido a frase à minha professora de português e que ela me tinha dado os parabéns, pronto. Calou-se. Calou-se logo. Não gostei... Disse logo que tinha uma série de críticas às minhas páginas, às páginas que eu tinha escrito e que eu tinha lido... Mas eu também tenho críticas às minhas próprias páginas. Já não concordo com o que escrevi. Mas foi sempre tudo num grande stress. E vou ter de fechar as páginas. Vou ter de esconder. Mas vou publicar aqui no documentário. Quero mostrar as páginas que vou esconder na 2ª Ordem de Impressão. Se tiver tempo, vou esconder. Senão, não posso esconder. Gostava de não ter tempo... Gostava de não esconder isso e esconder outras coisas... Enfim... Fiquei triste... Lembrei-me quando pedi ao D.K. para ler uma parte d’O Algoritmo do Amor sobre medicina e o D.K. telefonou-me a dizer que nunca tinha dito aquilo, encarnando o papel do Fred... Era por causa das feridas abertas... E por causa de eu andar descalço... Mas eu processei aquilo em tempo real numa chamada em que estava com o D.K... Talvez ele não se lembre... Tudo bem... Deixei estar... Mas ele disse que o que eu tinha escrito em termos médicos era grave, porque era mentira... Fiquei com um peso muito grande na consciência. Vi a importância da equipa médica da Jupiter Editions... Se os médicos tivessem lido, não teriam sido impressos erros. Mas isso é que é fixe! É fixe reeditarmos os erros. É fixe podermos reeditar os nossos erros. Os erros valem muito. A edição, é uma edição valiosa. Só foram impressos 6 exemplares, por isso... Não faz mal... Se calhar nem há erro nenhum... Se calhar era o D.K. a gozar... Eu amo-o. Ele às vezes goza comigo... Eu amo-o. Acho que vou tirar esta página depois de publicar. Acho que esta peça vai desaparecer. Acho que vamos ficar com um puzzle incompleto... Acho que o D.K. me vai pedir para eu tirar... Aposto que ele vai dizer “Raul... Porque é que publicaste isto? Qual é o sentido disto?”... Sei lá... Vou responder, sei lá... Não quero perder o sentido das coisas. Tenho todos os sentidos ativos. Não estou

em estado de alerta nem de vigia como já estive na Casa da Boa Psicologia. Estou na boa. Tenho um prazo muito curto é verdade... Tenho medo de não conseguir dizer tudo o que quero de publicar coisas que não devia... Mas ninguém me está a ajudar... Ninguém me está a auxiliar... Não sei o que posso publicar e o que não posso... Por isso, quero lá saber...

Foi na Biblioteca Municipal de Faro que eu entrei no site da Jupiter Editions e lancei o primeiro jogo de referências. Foi na Biblioteca Municipal de Faro que eu abri o botão 66mins e 6 secs. Escrevi na carta para o D.K. que a bibliotecária era muito simpática. Enquanto escrevia isso lembrava-me do estúpido documentário inglês que eu tinha visto aos clubes “secretos” ingleses em que as bibliotecárias nunca poderiam entrar no clube a não ser que fossem diretoras da biblioteca... Odeio estes clubes. Odeio os clubes onde só ligam ao dinheiro. Odeios! Os meus clubes são outros. Para mim não há mal nenhum nos clubes. Eu gosto de clubes. Criei um clubismo literário. Criei uma maçonaria. Abri uma loja. Abri uma loja maçónica. Por isso é que estou no jogo maçónico em que estou. É a vida maçónica. Jamais iria para a maçonaria dos outros, podre de ideias, cheias de vassalagens. No meu clube não há vassalagens. No meu clube não há euros. Há jupits. Criei-as. São minhas! Faz sentido... Se a editora se chama Jupiter Editions... Tudo faz sentido... Tudo bate certo na Jupiter Editions... Todas as ligações estão certas... Está tudo certo. É uma magia. Agora não me chamem mágico, por favor. A magia não existe. Não acredito em magias. Mas para quem acredita, eu sou feito de Magia Branca e por isso combato a Magia Negra. Lembro-me da patroa lá dos aspiradores contar-me que teve 17 dias sem vender um aspirador e achar que tinha sido lançado um feitiço à loja dele... Eu tive mais que um ano para vender um livro... e nunca achei que tivesse sido lançado um feitiço, porque não acredito em feitiços... Quem acredita... Epá... Pronto... Acredita... Mas eu acredito mais em clubes de magia onde se diz logo à entrada que a magia não existe, como na Jupiter Editions. Acredito mais nestes clubes. Nos clubes em que fazemos magia, mas contamos os truques de magia, contamos sobre os efeitos especiais... Acredito mais neste clubes “intelectuais” que são para todos. Para quem tem dinheiro e para quem não tem. Eu vejo pirâmides e vejo sim hierarquias. Mas as minhas hierarquias são todas mentais. São fruto da mente. Claro que um médico ou um juiz que entregou o seu cérebro ao sistema tem de receber mais. Acho que isto é óbvio. Mas um médico não é mais do que uma senhora das limpezas. Mas eu acho que isto é tão básico e eu não percebo porque é que estou a perder tempo nisto, quando o meu tempo é mesmo muito, muito curto. São 23h09. Tenho de fingir que os lobos-duques de Loulé vão atacar os lobos-piratas de Faro antes e vão entrar aqui dentro da nossa casa... Mas vão ser abatidos... Todos os lobos que caírem na nossa toca, na nossa toca de lobos, vão ser abatidos a tiro pelos nossos lobos. Não podem entrar. Na nossa maçonaria, no nosso filme maçónico, temos ciganos connosco. Defendemos os ciganos. Gostamos dos ciganos. Temos os ucranianos connosco. Temos os pretos connosco. Isto tem piada porque nós somos aqueles que são os mal vistos pela sociedade, somos os mal falados. Somos os pretos, somos os ucranianos. Acham que os ucranianos vêm para cá para Portugal roubar emprego aos portugueses, seus burros do caralho? Os ucranianos vêm para Portugal fazer aquilo que os preguiçosos de merda não querem fazer! Fazem as limpezas que os portugueses não querem fazer. Fazem as obras que

os portugueses não querem fazer. Não falem mal dos ucranianos à minha frente que eu passo-me. Nem dos ucranianos, nem dos brasileiros, nem dos chineses, nem dos muçulmanos, nem de ninguém! Parem de ser estúpidos! O meu namorado que é ucraniano é um crânio que canta melhor fado que os portugueses. Dança o rancho folclórico. Há portugueses que não sabem dançar nem cantar. Quem me corrige os erros ortográficos que eu cometo na língua portuguesa é um ucraniano. Quem me salvou na rua e me deu uma máscara sem me cobrar nada na sua loja chinesa foi um chinês. [vieram logo os ciganos também atrás a darem-me as máscaras deles...]. Chega de racismo seu cabrões de merda! Voltam-me a chamar preto de merda e a dizerem para eu voltar para o meu país e eu mando-vos pitezes e deito-vos a língua de fora seu cabrões de merda! O meu país, é Portugal! Nasci em Portugal! Temos de saber acolher! Temos de saber acolher todos! A cultura é isto. É eu ser preto e meter os cornos em cima de mim, porque vejo a cultura dos cavaleiros brancos, mas dizer-lhes: agora é a vossa vez de meterem os meus cornos em cima dos vossos: chegou o velcro: ou metem o velcro nas vossas corridas, ou acabaram-se as corridas: escolham: não há mais sangue: querem teatro, bora todos fazer um teatro: mas é sem sangue: os toiros voltam para casa felizes sem sangue: Senão acabou-se a maminha e a pilinha. 23:22 15/01/2022 raul catulo morais

23:23 estou sob stress, porque tenho de arranjar um emprego e não sei quando vou poder voltar a mexer nisto. Quem me dera ter tempo. Estou a escrever tudo à pressa. Parece que estou a escrever sem nexos. Enfim. Espero ter tempo para poder editar isto. Senão isto não faz sentido nenhum.

Só queria dizer que estava com medo por ter aberto o botão... Porque não disse nada ao D.K. abri de surpresa... Por isso é que eu pus em todos os documentos “sem carimbo”... O D.K. também não gosta do documentário porque diz que não tem qualidade ... Gravámos em minha casa, na casa dos meus pais... Correu tudo mal... Eu não gostei... Só que depois fui ver e afinal até gostei... Foi natural, sei lá... Só queria que a Jupiter Editions entrasse no meu quarto, antes que eu perdesse o quartito, antes que eu perdesse o filme... A culpa é do banco BPI. Se o banco tivesse dado crédito nunca teria feito o documentário naquelas condições... Por isso quero lá saber... Vou falar muito mais do BPI se o BPI não me der crédito... Não são os bancos que me vão pôr num jogo, sou eu que os vou pôr a todos no meu jogo. Posso estar a fazer limpezas, mas até nas limpezas, até com uma esfregona na mão vou fazer vídeos para o BPI e vou enviar os vídeos todos para o BPI. O BPI vai ter de me financiar senão eu vou dizer todos os diabos que o BPI anda a financiar. O BPI vai ter de me calar... Vai ter de me calar com 6 milhões e 66 mil euros. Senão eu vou falar de muitas coisas que o BPI acho que não vai gostar... Mas é a vida... É assim que a vida funciona. O presidente do BPI vai saber quem eu sou. Já sabe. Mas vai conhecer-me melhor. Vai olhar-me nos olhos. Vai ver que eu tenho o mesmo olhar dele... O melhor olhar de tubarão... Vai ver que não me pode engolir... Talvez entre na casa do presidente para lhe limpar a tapete com um robot-aspirador... Tudo é possível nesta vida... Talvez lhe salve a vida nas praias da Quinta do Lago e de Vale de Lobo... Talvez até sejamos vizinhos... Ai, ai BPI... Ai, ai... Vamos ver o que

vai acontecer... Estamos todos a assistir ao filme... Assim tem mais piada... Vamos ver qual é que vai ser o verdadeiro banco amigo das boas empresas... Vamos ver... Vamos ver até onde é que vai o filme... Vamos ver até onde é que eu serei capaz de ir... Vamos ver... Estamos todos a assistir... Eu acho que agora é que o filme vai mesmo começar... 23h36

O D.K. quando entrou na página do documentário disse que eu tinha de tirar a carta dele... porque a carta dele... Mas eu disse que eu tinha escrito outra... Disse que a bibliotecária viu-me a escrever a verdadeira... menti-lhe... “ele sabia” que eu só tinha escrito e que aquela era dele... Fiquei triste por ter de tirar a carta... Mas agora fico feliz, porque sei que foi “um sinal” dele a dizer “podes continuar”. Foi um “pisca de olho”, sem piscar. O cabrão ficou-me com a carta... Ficou-me com as cartas de amor todas que eu escrevi. Cabrão do D.K.! Eu amo-te, meu cabrão! Ele vai dizer que isto também é uma carta de amor, não sei como... Mas vai dizer... E eu vou ter de tirar também esta peça do puzzle... 23h39

Espero mesmo ter tempo para editar isto. Raul Catulo Morais © Todos os direitos reservados 15/01/2022